

Reconsiderar o tempo.

Mesa redonda "Informacao e cultura", La Chartreuse de la Villeneuve, Avignon.

Quem considerar os resultados da informatica, todos esses calculadores, word processors, plotters, computadores e demais idiotas ultra-rapidos, podera crer que sera a velocidade a que marcara a vivencia do tempo da sociedade "informada". Que o homem futuro vai poder liquidar rapidamente os afazeres ainda necessarios, e que dispore de tempo "livre". Confesso que, quanto a mim, nao tenho muita esperanca nem muito receio de tal economia de tempo. Afinal, todas as maquinas precedentes, desde a alavanca ate o aviao, nao faziam outra coisa. Receio e espero que a revolucão nas informacoes pela qual estamos passando tera consequencias muito mais profundas sobre a vivencia do tempo dos nossos filhos e netos.

A informatica e simulacao de determinado processo de pensamento em aparelhos. A saber: do processo de pensamento tal qual foi concebido no cartesianismo. Pensar seria computar elementos claros e distintos, (conceitos ou cifras). Tais elementos seriam simbolos que significam pontos no mundo la fora. Se pudesse-mos colar um conceito ou uma cifra a cada ponto do mundo, seriamos onicientes. Infelizmente nao podemos faze-lo, porque a estrutura do pensamento assim concebido nao e adequada a estrutura do mundo concebido enquanto coisa extensa. Na coisa extensa os pontos concresem um com o outro, na "coisa pensante" sao separados por intervalos. Por entre tais intervalos a maioria dos pontos do mundo escapam ao pensamento. Por certo: ha calculos que integram tais intervalos, mas tais integrais sao, por sua vez, claros e distintos. Por isto Descartes se via forçado, na sua tentativa de adequacao do pensamento a coisa, de recorrer a ajuda Divina. Tal fé em Deus tendo diminuido desde entao, os aparelhos informaticos recorrem a metodo diferente para adequar-se ao mundo. Invertem eles os vetores de significacao que ligam pensamento e mundo: sao agora os pontos do mundo que significam os elementos nos programas dos aparelhos. Os simbolos programadas nao mais significam, mas sao significados. De maneira que os aparelhos projetam universo adequado a sua propria estrutura, e sao, efetivamente, oniciente em tais universos. Em consequencia, o homem do futuro habitara universos perfurados por intervalos. Novo tipo de tempo.

O homem "informado" tera que viver em mundo de pontos, de bits, de atomos, de quanta, em mundo-mosaico. Como nos proprios vivemos em mundo de acontecimentos, de eventos, de processos, de historias e biografias. E como o homem ~~historico~~ ^{pre-}historico vivia em mundo de cenas, de imagens, de situacoes, de relacoes significativas. A sociedade informatizada tera que viver em mundo zero-dimensional como nos vivemos unidimensionalmente, e o homem pre-historico vivia bi-dimensionalmente. A toda maneira de viver corresponde determinado modelo de tempo. Antes de esboçar os tres modelos, considerarei a funcao de modelos.

O homem e ente abstraidor: pode retirar-se do mundo, e pode retirar determinados aspetos do mundo. E pode faze-lo passo por passo. Exemplo: imagens sao superficies abstraidas de volumes, textos saõ linhas abstraidas de imagens, e os elementos da computacao sao pontos abstraidos de textos. Com cada passo dado, o homem se afasta mais do mundo concreto, afim de ve-lo melhor e poder melhor modifica-lo. O proposito da abstracao e pois a volta mais "eficiente" para o con-

creto. Os modelos sao os instrumentos que devem possibilitar tal volta. Sao eles ciladas que visam captar o concreto e re-inseri-lo no abstrato. O modelo pre-historico do tempo visa re-inserir o tempo concreto na imagem, o historico no texto, o informatico na computacao. Acontece, infelizmente, que o concreto nao se deixa captar por truques: exige ser vivido. O concreto e como a virgindade: uma vez perdido, e definitivamente perdido. Por isto nao resta ao homem senao aceitar seus modelos como substitutos do concreto. O homem pre-historico aceita seu modelo do tempo como se fosse concreto, e o mesmo vale para os dois demais modelos. Estudarei os tres, porque os tres continuam a modelar nossas vivencias, valores, conhecimentos e atos.

Imagens sao superficies significativas, que o olhar vai percorrendo, afim de decifrar seu significado. Afim de "voltar deles para o concreto". Ao faze-lo, o olhar gira: volta para elementos pictoriais ja vistos. E, quanto mais significativo determinado elemento pictorial, tanto mais vezes o olhar volta para ele. Destarte o olhar vai estabelecendo relacoes temporais reversiveis e carregadas de significado entre os elementos da imagem. E depois projeta tais relacoes, por ele proprio estabelecidas, para fora da imagem, afim de lhe servirem de modelo de tempo:

Tal tempo circula no mundo, e ordena as coisas significativamente. Eterno retorno. Se determinada coisa se deslocar do seu lugar justo, sera reposta pelo tempo. O tempo julga. Tal mundo esta pois pleno de significado, (de "deuses"). O homem vive em tal plenitude. Com cada movimento seu vai deslocando coisas, criando desordem, "transgride". Sera julgado pelo tempo, suas transgressoes serao castigadas. Nao pode escapar ao destino. Como a todo dia segue a noite, a todo crime se gue castigo. No entanto: o homem tem a capacidade de antecipar o castigo, e assim mitiga-lo. Pode propiciar o "deus" ofendido pelo ato humano, pode sacrificar, pagando sua divida antecipadamente. Este modelo do tempo e o do mito e da magia.

E modelo que estruturava a vida da sociedade por incontaveis milenios, continua a faze-lo em numerosas sociedades contemporaneas, e continua agindo sobre nes proprios de maneira sorradeira. Mas, ha aproximadamente tres mil anos na bacia oriental do Mediterraneo, comecou a ser questionado. E que nesse lugar e momento foi dado mais um passo rumo a abstracao, partindo da imagem rumo a linha: a escrita linear foi inventada. E o modelo magico-mitico nao se adequa a textos. Nos textos o olhar nao circula, mas segue a linha, afim de decifrar-lhes o significado no final da linha. Ao seguir a linha, o olhar obedece a regras, (a sintaxe). As relacoes temporais destarte estabelecidas pelo olhar entre os elementos do texto sao projetadas para fora do texto, afim de servirem de modelo do tempo:

O tempo é rio que flui do passado, demanda o futuro, e arrastaj o mundo consigo. O presente é ponto fugaz de transicao entre passado e futuro. As coisas nao "estao": "vem a ser". Nada se repete: toda noite que segue a dia e noita nova. O homem que vive em tal mundo vive tragicamente: todo instante perdido e oportunidade definitivamente perdida. Todo ato e irrevogavel. O vir-a-ser das coisas e ordenado linearmente pela cadeia de causa e efeito. Mas o homem pode conhecer tal cadeia causal, e submete-la aos seus proprios designios: liberdade e conhecimento da necessidade. Este modelo do tempo e o da historia, da ciencia, da tecnica, do engajamento politico, do progresso.

Por certo: tal modelo tem sido reformulado repetidas vezes, a começar por Jeremias e Heraclito, passando pelo cristianismo, mecanicismo, darwinismo e marxismo, e a acabar com o segundo principio em termo-dinamica; mas sua estrutura ficou a mesma. E continuamos a sermos estruturados por ele ao nivel "conciente" das nossas experiencias e atos. No entanto, ha um seculo aproximadamente tornou-se ãle insustentavel. Os fios que ordenam os eventos, que colocam os fenomenos em eventos, se desfizeram. Por exemplo: as causas e os efeitos passaram a dansar no nucleo das coisas, passaram a serem reversiveis. Surgiu a suspeita que a cadeia causal nao se esconde "por detraz das aparencias", mais que foi para la projetada pelo pensamento linear humano, e que a ciencia vai descobrindo, "por detraz das aparencias", a estrutura logico-matematica do seu proprio discurso. Mas o que contribuiu sobretudo para a decadencia do modelo historico foi a simples constatacao fenomenologica que o tempo nao flui do passado, senao advem do futuro, e que o modelo historico esta pois de cabeça para baixo. E que, ha mais ou menos um seculo, foi dado mais um passo rumo a abstracao, partindo do texto rumo ao calculo, ao ponto. O modelo historico do tempo nao esta adequado ao universo dos bits, dos quanta que ia surgindo, e do qual a informatica nao e senao um aspecto.

A estrutura fundamental de um tal universo-mosaico, no qual os elementos vagueiam, é o acaso, (o que Democrito chamava "clinamen"). Os atomos ainda nao são reais mas apenas virtualidades, e la aonde tais virtualidades "co-incidem", la se realizam. O universo tem pois a estrutura de campo no qual coisas vao se formando ao sabor do acaso, e vao se formando mais provavelmente lá aonde o campo se "curva". Eis a razão porque, afim de orientarmo-nos em tal universo, devemos recorrer a duas disciplinas: a topologia, (a qual estuda a forma do campo), e ao calculo de probabilidades, (o qual estuda o acaso). Pois, tais metodos para decifrar o universo vazio e abstrato sao projetados fora de tal universo para servirem de modelo de tempo:

O real é o presente, porque e la aonde as virtualidades co-incidem para se realizarem, (se "apresentam"). E o presente esta aonde eu estou: eu estou sempre presente. Sou aquele buraco negro dentro do qual as virtualidades se precipitam. As virtualidades vao se aproximando de mim: sao meu futuro. E nao formam futuro caotico, como se fossem distribuidas uniformemente em meu torno. Aglomeram-se na minha proximidade, e rareiam rumo ao horizonte. Quanto mais proximas, tanto mais provaveis. E recortam-se, todas, contra o horizonte da minha morte, porque, além de tal horizonte, nao ha presente, e portanto nao ha tempo. Uma vez apresentadas as virtualidades, uma vez "realizadas por mim", vao se amontoando em mim, vaofbrmando "memoria", a qual cresce na medida em que estou no mundo. Disto estou parcialmente consiente, (memoria disponivel), e parcialmente inconciente, (memoria reprimida). Ha pois dois passados neste modelo.

Mas o que verdadeiramente distingue este modelo dos precedentes sao dois aspectos: (1) As virtualidades nao se apresentam apenas ao acaso, mas eu posso anticipa-las. O buraco negro que sou nao e passivo, mas vortice sugador de virtualidades. Posso tornar provavel o improvavel: posso "realizar informacoes". Crio. (2) Nao estou só no mundo. Descubro isto ao "futurar", ao antecipar virtualidades. Ai nao esbarro apenas contra virtualidades futuraveis, mas igualmente contra buracos

que sao como eu. Tais presencas nao podem ser futuradas, porque ocupam um centro de um futuro diferente do meu. Se admito isto, se reconheco o outro ao reconhecer-me nele, o horizonte do meu proprio futuro se expande. Porque inclui o futuro do outro. No entanto, ha o perigo de um brutal colapso do meu futuro, se o outro morrer: pode engolir meu proprio futuro. Em tal modelo o problema existencial nao e minha morte, mas a morte do outro. Tudo isto e misterioso, por ser este modelo ainda tao novo.

E por ser tao novo ainda este modelo, permite que se veja a sua origem, (como foi projetado): da cosmologia, fisica nuclear, genetica, psicologia, cibernetica, informatica, fenomenologia. Mas, embora saibamos que o modelo foi prejetado a partir de um universo abstrato, isto nao o impede ser por nos aceito como se fosse concreto. Ao aceitarmos tal modelo, (como nao podemos deixar de fazer), nossa consciencia "historica" entra em pane. Por exemplo: O Eu nao aparece no modelo enquanto identidade, mas enquanto vacuidade. Nao e possivel distinguir-se no modelo entre tempo e espao, ja que as categorias "proximidade" e "probabilidade" sao espacio-temporais. Nao se pode falar nele em "progresso", ja que o futuro esta em nao importa que direcao em meu torno. Nao se pode explicar nele o presente pelo passado, ja que o passado nele e resultado do futuro. Nesta nossa reuniao desejo, no entanto, escolher apenas um entre os numerosos problemas que o novo modelo do tempo nos coloca: o do intervalo. Porque e este o problema que se liga estreitamente ao problema de informacao que nos reuniu em torno desta mesa.

O futuro esta composto de virtualidades distintas. Nao se apresenta sob forma de rio, mas sob forma de graos que sobre mim se precipitam. Por exemplo sob forma de sensacoes distintas. E quando antecipo o futuro, vou antecipando virtualidades distintas. Por exemplo sob forma de decisoes ramificadas. Pois isto implica que o futuro esta perfurado de intervalos. E, por entre tais intervalos vislumbro minha morte. Tais intervalos nao sao, eles proprios, uma forma de tempo: sao nada. Nao duram, nao podem ser medidos. O termo "tedio" capta este nao-tempo.

Pois sugiro aos senhores que e sob a luz de tal tedio que a nova velocidade e sincronizacao das informacoes deve ser reconsiderada. Os aparelhos procuram acelerar a precipitacao dos graos de informacao, dos bits, sobre o buraco que somos. Alimentam-nos com sensacoes, conhecimentos, "valores", afim de taparem os intervalos, matarem o tedio. E os aparelhos tornam possivel a cada um de nos de elaborarmos informacoes, sermos artistas, pesquisadores, engajados politicamente "em casa", afim de nos fazer esquecer os intervalos, a nossa morte. Mas isto e absurdo: os intervalos nao sao integraveis. Quanto mais se acelerar o processo da informacao, tanto mais aparecera sua estrutura pontual, tanto maior o tedio, e quanto mais anticiparmos o futuro, tanto mais o excavaremos. Sugiro aos senhores que a sociedade informada tera a experiencia do tedio como fundamento da sua experiencia do tempo.

A nao ser que seja capaz de assumir a vivencia da vacuidade do Eu e do outro. Em tal caso o homem se abrira ao outro para precipitar-se nele. O tempo sera entao vivenciado enquanto o futuro do outro. E o que foi chamado "amor" outrora. Gostaria poder compartilhar com os senhores este tipo desvairado de utopia.